

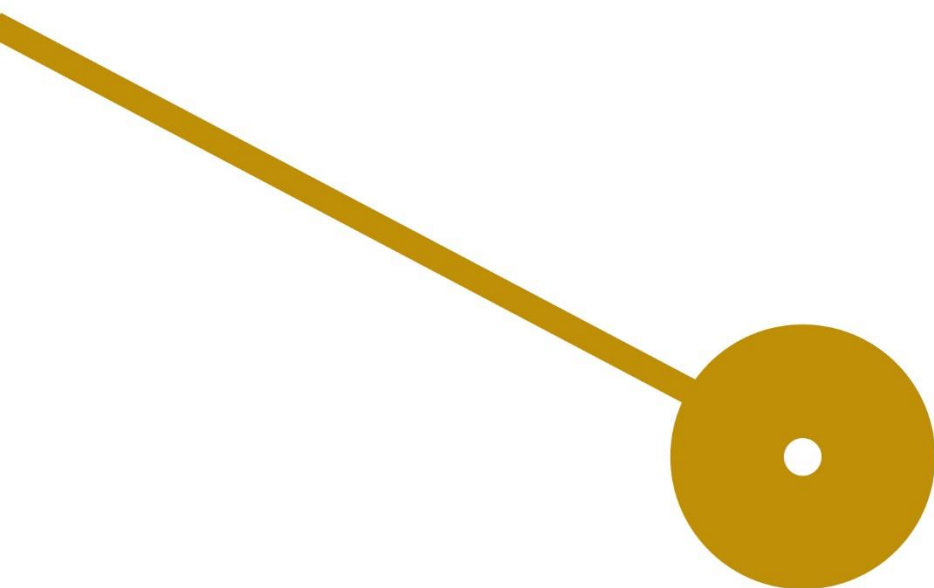


Sinfonia de lá

A memória do corpo na História

Gisela Azevedo Gaspar

10/2021





Sinfonia de lá

A memória do corpo na História

Gisela Azevedo Gaspar

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística.

Professora Orientadora

Sónia Passos

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai Duarte por acreditarem sempre em mim e pelo incansável apoio e motivação.

Agradecimentos

À minha avó, Maria Alcide Matos Gaspar;

À Sónia Passos, por todo o apoio, motivação e disponibilidade;

Ao Guilherme Cruz, por todo o apoio, ajuda, trabalho e dedicação;

À Beatriz Filomeno pelo trabalho, partilha e dedicação;

À Marta Silva pela ajuda e disponibilidade;

Ao Hugo Moura pelo trabalho e disponibilidade;

À Rossana Ribeiro pela ajuda, apoio e disponibilidade;

Aos professores e à turma de MAC – 2019/2021;

À Ana Maria Cruz pela disponibilidade e empréstimo de materiais;

À Paula Fernandes pelo empréstimo de materiais;

Ao Paulo Bessa pelo empréstimo de materiais, apoio e disponibilidade;

À Rosa Mendonça pelo empréstimo de materiais;

À equipa do Teatro Helena Sá e Costa pelo trabalho e disponibilidade;

À Maria de Fátima pelo apoio, disponibilidade e apoio logístico;

Ao Duarte Costa pelo apoio, disponibilidade e apoio logístico.

A todos que indiretamente também contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

ESMAE
**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO**
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Resumo

Sinfonia de lá surge de uma incessante vontade em descobrir origens e compreender porque é que a minha avó, o meu pai e eu somos “retornados”. Que palavra é essa? A resposta passa por conhecer pessoas, locais e acontecimentos do passado para melhor compreender as interrogações do presente. O testemunho de portugueses que viveram nas ex-colónias, a partilha das suas experiências, da sua vida e dos seus dissabores, foram a base para esta descoberta. Guerra colonial, violência física e psicológica, subjugação feminina, discriminação, racismo e, particularmente, desenraizamento. Estes são alguns aspectos que esta viagem nos leva a conhecer, a partir de histórias reais tornadas ficção e contadas em quadros, sempre que possível usando documentos e objetos de época.

Palavras-chave

Corpo; descolonização; guerra colonial; identidade; memória; nacionalidade; pertença; pós-memória; retornado.

Abstract

Symphony from there arises from an incessant desire to discover origins and understand why my grandmother, my father and I are “returned”. What word is this? The answer involves getting to know people, places and events from the past to better understand the questions of the present. The testimony of Portuguese people who lived in the former colonies, the sharing of their experiences, their lives and their hardships, were the basis for this discovery. Colonial warfare, physical and psychological violence, female subjugation, discrimination, racism and, particularly, uprooting. These are some aspects that this trip brings us to know, from real stories turned fiction and told in paintings, whenever possible using documents and objects from the period.

Keywords

Body; decolonization; colonial war; identity; memory; nationality; belonging; post-memory; returned.

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo.....	vi
Palavras-chave	vi
Abstract	vii
Keywords.....	vii
Introdução – Quem sou eu?	1
Pesquisa	3
<i>A consciência</i>	3
<i>O paraíso</i>	4
<i>Os testemunhos dos inocentes</i>	10
Desenvolvimento	12
<i>A (re)construção</i>	12
<i>Drama(turgia)</i>	13
<i>Cenário</i>	14
<i>Luz</i>	15
<i>Objetos-documento</i>	15
<i>Figurino</i>	18
<i>Composição e selecção musical</i>	19
<i>Design e produção</i>	20
<i>Sinfonia de lá, como e porquê?</i>	20
Conclusão	22
<i>A chegada</i>	22
Bibliografia.....	23
Anexos.....	24
<i>Anexo I – Guião de entrevista</i>	25
<i>Anexo III – Colagem</i>	42
<i>Anexo IV – Ilustração do cenário</i>	43

ESMAE
**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO**
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Introdução – Quem sou eu?

“És retornada como o teu pai!”

Mãe, o que é um retornado? Mãe, porque é que o meu pai e a sua família são retornados? Mãe, porque é que sou retornada como o meu pai?

Estas são algumas das questões que me “fazem comichão” e companhia desde que me lembro, sensivelmente há 20 anos. Algumas questões que fui procurando entender, perceber e compreender, sempre sem sucesso. Sem conseguir chegar a algo concreto ou que satisfizesse a minha curiosidade e revolta de ser apelidada de algo que eu não sou. Começou então a busca pela compreensão, pelos factos e pela história. Este “bichinho” que tem cá estado sempre adormecido despertou e foi em busca de respostas. Conversei com a minha família e fui tentando perceber as minhas origens. Fiquei fascinada com a história que me foi contada em pormenor e com as várias peripécias que a completavam. Decidi que um dia, tinha de pegar no que ouvi e transformar em arte para que mais pessoas ouvissem aquela história. Esse dia chegou, quando me debatia com questões acerca do mestrado durante a pandemia, sobre o que iria querer fazer no meu projeto final. Surgiu a possibilidade de abordar vários temas, mas também de acordar o “bichinho adormecido” e torná-lo em algo plausível, em matéria-prima pronta a ser trabalhada.

Um dos meus principais objetivos com este trabalho era a criação de um espetáculo, em que o tema principal fosse o ponto de vista dos portugueses que viveram nas ex-colónias e que se viram obrigados a deixar o lugar onde viviam, para vir para Portugal. O segundo objetivo principal era a criação de um espetáculo que refletisse sobre a questão do rótulo “retornado”.

Para atingir o meu objetivo, tive de dar voz às gerações da minha família que viveram os efeitos da descolonização.

Relativamente a outros objetivos ou motivações essenciais, eu tinha também outras questões, tais como:

- A descolonização e os seus efeitos no corpo e mente dos portugueses das ex-colónias;
- Tentar atenuar a conotação negativa associada à palavra “retornado”;
- Dar voz a quem sofreu e ainda sofre com traumas associados à descolonização;
- Contar as histórias dos portugueses que viveram nas ex-colónias;

- Compreender de que maneira a descolonização afeta as gerações seguintes;
- Refletir e analisar sobre o processo de descolonização, tendo em conta os contributos teóricos da pós-memória;
- Retratar memórias, marcas e momentos de trauma;
- Explorar os impactos que estes possam ter causado na mente e no corpo;
- Documentar o processo de recolha de histórias de vida;
- Transformar histórias reais em material cénico.

Nesta monografia farei uma viagem por vários portos. Os primeiros onde vamos parar são a consciência e o paraíso, onde são apresentadas algumas referências da pesquisa e que ajudaram mais tarde na concretização, criação e no pensamento do espetáculo final. Depois entramos no centro de todo este trabalho, os testemunhos. Nesta parte falarei sobre o meu método para as entrevistas, de quem foi entrevistado e de como outros me influenciaram para a conclusão do guião final do espetáculo. Nesta parte menciono também todo o processo de desenvolvimento e criação da dramaturgia, do cenário, da composição musical e do figurino. Como destino final, chegamos à parte da reflexão sobre o que resultou e não resultou neste projeto, do que faria diferente e de qual o próximo porto para uma nova viagem.

*Pois se a memória dos homens é limitada já a do mundo é eterna, e a ela ninguém
poderá escapar.*

(Gomes, 2012)

Pesquisa

A consciência

A base para a realização deste projeto é a descolonização, ou melhor, um dos efeitos da descolonização, o retorno, um tema que afeta grande parte da população portuguesa. É um assunto extremamente sensível e difícil de compreender para muitos, que não pode ser tratado com leviandade devido à grande mágoa e sofrimento a que está associado.

A primeira etapa para a concretização deste projeto, e talvez até a mais importante de todas do processo de construção, eu diria que foi a consciência. Ganhar e ter a consciência de que este é um assunto difícil de ser abordado e que deixa muitas pessoas desconfortáveis. É um assunto que tem de ser tratado de forma muito ponderada, quase em “pezinhos de lã”.

Para mim, ganhar esta consciência foi muito importante, uma vez que eu não queria que as pessoas envolvidas no projeto ficassem magoadas ou se sentissem transtornadas e desconfortáveis em relação ao tema. Eu queria fazer justiça por todos os retornados e dar-lhes uma voz, mas não queria impor os meus raciocínios ou ideias. Queria que o projeto fosse fiel aos retornados e aos seus sentimentos, sem julgamentos e sem vergonha.

Esta consciência veio porque percebi, que havia pessoas que não eram como eu. Eram pessoas que já estavam à vontade com a sua história e tinham aceitado o “rótulo” que lhes tinha sido imposto. Eu revoltava-me com isto, sentia-me revoltada em nome dessas pessoas. Na minha cabeça não fazia sentido uma pessoa aceitar um “rótulo” imposto pela sociedade, só porque sim. Só para se viver melhor em comunidade, ainda que isso implicasse viver mal com a própria consciência.

Mais tarde, consegui perceber que, enquanto umas pessoas lutam, outras simplesmente acomodam-se. Era o caso destas pessoas, tinham-se acomodado com a sociedade e o rótulo que lhes foi imposto. Muitas falam sobre o assunto, de uma maneira muito estranha. Falam quase sem importância, como se estivessem a falar de uma queda de bicicleta na infância. Mas isto não foi só uma queda de bicicleta. Foi a queda das colónias, a queda de um país, mas acima de tudo, a queda de muitas vidas.

Para ganhar esta consciência, comecei por pensar em mim. Pensei no que eu não gostava que dissessem sobre mim, sobre a descolonização e sobre os retornados. Depois pensei na

maneira como o diziam, em como isso me afetava e porquê. Seria a maneira como diziam, o tom, ou simplesmente, as palavras que eram utilizadas. Depois, pensei em como eu gostaria que falassem, abordassem ou me perguntassem sobre a descolonização, se eu fosse verdadeiramente retornada. Aqui foi o ponto de viragem, onde eu percebi que não podia tratar este assunto e este projeto como outro qualquer. Tudo tinha de passar por uma longa fase de análise e ponderação, tentando sempre colocar-me no lugar do outro.

O paraíso

Sempre que a minha avó, ou qualquer outro português que viveu nas ex-colónias, falava de África, descrevia aquele lugar como o paraíso. Antes da descolonização, é claro. Tentei então perceber, se realmente era assim tão bom, ou se apenas eram as saudades que se sobrepunham à memória daquele local.

Ainda durante a pandemia, comecei por pesquisar mais acerca da descolonização e das ex-colónias portuguesas, de forma a entender e perceber cada vez mais acerca da questão dos retornados.

Comecei por pesquisar sobre o tema, analisar vários artigos, filmes, documentários, séries e fotografias da época. Procurei sempre encontrar coisas que pudessem alimentar ou saciar as minhas questões iniciais, mas que de certa forma, também alimentassem a minha imaginação e criatividade. Entre as várias referências que encontrei, destaco a série *Depois do Adeus* de Patrícia Sequeira e Sérgio Graciano, o filme *Tabu* de Miguel Gomes, o artigo da revista *Visão História* intitulado *Retornados, não – deslocados ou refugiados*, o artigo da revista *Jornal de Notícias História* intitulado *Retorno a um local estranho* e os documentários *Retornados ou Os Restos do Império*, *Chegada de refugiados portugueses de Angola a S. Tomé – 1993* e *Ponte Aérea 1975 Luanda – Lisboa "Os Retornados"*.

Não posso avançar para a explicação da minha metodologia, sem falarmos sobre cada uma destas referências e sem analisarmos a sua ligação e influência no meu projeto.

Comecemos então por decifrar o artigo do *Jornal de Notícias História*, intitulado *Retorno a um local estranho*. Neste artigo, vi algumas das minhas questões terem resposta, mas também surgiram novas perguntas. Encontrei algumas semelhanças com a história da minha família e com

o que outros retornados já tinham desabafado comigo. Analisemos então, muito brevemente, as citações que eu destaco do artigo.

Meio milhão de pessoas regressaram das colónias africanas, despojadas dos bens de uma ou várias vidas. (...) Retornados, protagonistas dolorosos da queda do império. (...) Cerca de meio milhão de pessoas que em tantos casos, não regressavam a sítio nenhum, pois jamais haviam posto os pés na “metrópole”. (...) o ano de 1975 foi traumático, (...) nas colónias africanas, os obrigaram a fugir, maioritariamente com uma mão à frente e outra atrás, despojados dos bens (...) portugueses, eram, afinal, estranhos em terra estranha. (Simões, 2015, pp. 31-32)

Nesta citação, podemos observar que, para muitos portugueses era um regresso, mas para outros era a chegada a num novo e desconhecido país. Sem bens, sem casa e alguns, apenas com a roupa que traziam no corpo. “Em África, o lado mais tacanho da ditadura diluía-se, permitindo uma abertura ao mundo e um arejamento das mentalidades que a repressão limitara ferozmente no Portugal europeu.”(Simões, 2015, p. 32)

Aqui vemos que a ditadura tinha um papel muito distinto na metrópole e em África. Devido a esta grande diferença, a própria PIDE acabava por agir de forma diferente para com os cidadãos. Mais tarde, esta discrepância é mencionada por mim no guião na cena IX, que é a cena do Aeroporto em que uma mulher é salva dos maus-tratos do marido pela PIDE. “(...) pela experiência que traziam de África, muitos retornados tiveram papel importante na reconstrução da economia portuguesa. Se fosse hoje, chamar-lhes-iam empreendedores.” (Simões, 2015, p. 32)

A grande verdade é esta! Apesar de toda a difamação e ódio que sentiam por parte dos portugueses da metrópole, os retornados vieram dar um novo ar e uma nova vida a Portugal. Trouxeram novos negócios, convívios, comida e uma abertura de mentalidades. Mais tarde, podemos observar toda esta questão de construção de um novo Portugal na cena X, que é a cena do churrasco.

“Os que iam para África não sonhavam com o regresso como o faziam os emigrantes portugueses.” (Simões, 2015, p. 32) Para mim, esta frase tem um papel e uma mensagem muito importantes. Aqui é nos mostrado, como os retornados pensavam em grande e não pretendiam voltar à miséria e ao desconforto de Portugal. Ao frio desmedido que diziam sentir aqui, à falta de espaço porque se falava da vida de todos os vizinhos, de como se vestiam e com quem falavam. Tudo em Portugal era pretexto para julgar o outro. Desta forma Portugal, para os retornados, era pequeno, desde o espaço às mentalidades.

“A descolonização é uma ferida aberta.” (Simões, 2015, p. 32) Esta talvez seja a frase que melhor define este tema, que define o meu projeto, mas que também define, de certa forma, todos os envolvidos nesta pesquisa. Não é uma ferida qualquer onde podemos colocar um pouco de betadine e um penso para estancar o sangue. É algo que não se cura e que perdura no corpo e na memória de quem viveu a descolonização. Algo que, por mais que se fale ou tente ultrapassar, perdura em nós. Tal como eu quero que este trabalho perdure, para que se fale sobre isto, se documente e se tente mostrar o outro lado da história que poucos querem ouvir.

“Fui para Angola com dez anos e vim com 35. Sinto-me desenraizado neste país”. (...) África é algo que já mais larga a pele de quem lá viveu ou nasceu: “A minha terra verdadeira é Luanda. (...) Viver lá era como viver num paraíso”. (Simões, 2015, p. 38) Parece irreal que cerca de meio milhão de pessoas partilhe da mesma opinião, sintam as mesmas dores e que sintam que não pertencem a Portugal. Muitos tentaram voltar e outros ainda sonham com o retorno àquele paraíso, mesmo que isso signifique não reconhecer o sítio a que outrora chamaram de casa.

“A nacionalidade é uma coisa que não pesa no bolso e pode vir a ser importante”. (...) a desconfiança com que os retornados eram olhados (exemplo: ninguém lhes queria arranjar casa), (...) a descolonização foi uma catástrofe para os portugueses, (...) “O trauma familiar” foi, para estas pessoas, a ferida mais funda que a descolonização causou. (...) “sou português (...) com uma costela moçambicana forte” (...) foram difíceis aqueles primeiros tempos, (...) num país cujo atraso só mais tarde conseguiram compreender. (...) as pessoas dizerem, admiradas: “mas eles falam tão bem português”. Como se os portugueses em África fossem uma espécie de nativos exóticos atrasados, quando era em Portugal (...) que o grande atraso existia. (...) “Aprendemos a ser ultra-solidários uns com os outros.” (...) “Quinze dias depois de estarmos cá, escrevemos aos nossos pais a pedir para voltarmos para Moçambique.” (...) apontados como retornados e alvos de esperas e agressões. (Simões, 2015, pp. 38-41)

Nesta citação podemos ver refletida a questão da identidade. Eles sempre se sentiram deslocados, que este não era o seu local de pertença, que não era a sua casa. Tal como a minha família sentiu o mesmo. Portugal não era deles, nem para eles. Eram colocados de lado e atacados fisicamente, mas principalmente psicologicamente pelos portugueses da metrópole que não os queria cá. Acusados repetidamente de roubar o país e a população, mas nem assim baixaram os braços. Pensaram em voltar, mas quando lhes foi negada essa possibilidade, eles decidiram lutar. A forma de lutar era ignorar tudo o que era dito sobre eles, tentar passar o máximo despercebidos e não fazer por alimentar as más-línguas da metrópole.

Este foi o artigo em que eu consegui estabelecer mais ligações com os sentimentos da minha família e dos entrevistados. Consegui imaginar um pouco como seria aquele lugar que me descreviam como o paraíso e tentei colocar-me na situação desagradável que viveram em Portugal. Através desta análise surgiram algumas perguntas para a entrevista.

Outro artigo em que me baseei e encontrei muitas referências foi o da revista *Visão História* intitulado de *Retornados, não – deslocados ou refugiados*. Analisemos então a seguinte citação.

“Institucionalmente classificados de «retornados» (...) eram brancos, falavam a língua da metrópole, eram qualificados, mas foram ostracizados pela sua diferença identitária de «africanistas» (...) «racismo branco» (...) chegavam a Portugal contrariados e dependentes de subsídios públicos. (...) África era o seu lugar de pertença. (...) A perda da casa, da terra, da fábrica, do negócio e a impossibilidade de transferir as poupanças para a metrópole são os queixumes mais frequentes (...) Não se sentiam repatriados, mas deslocados (...) Em 1973 calculava-se que 552 mil portugueses vivessem em África (...) o Censis de 1981 concluiu que 449 500 portugueses tinham provindo de Angola e Moçambique (...) Também não foi um «regresso a casa» para os 75% de jovens com menos de 20 anos, nascidos em África e com poucas ou nenhuma ligação ao país dos progenitores ou antepassados. (...) em situação de carência extrema, totalmente dependente de auxílio familiar, estatal ou de organizações humanitárias. (...) Por se ter erroneamente julgado que iriam para casas de familiares, quando, na verdade, grande parte dos «retornados» não tinha parentes em Portugal ou não os sabia localizar. (...) o «retornado» chegou com a sensação de ter sido abandonado à sua sorte, (...) um fardo para o Estado e para os familiares que não desejavam tê-los indefinidamente a cargo. (...) o rótulo inicial perdeu até hoje. (...) culpabilizados pelo desemprego, a falta de casas (...) a delinquência e toxicodpendência juvenis, o tráfico de droga e a prostituição. (...) escoraçados de África e mal recebidos em Portugal, recomeçaram do zero e conseguiram singrar na ex-metrópole. (...) recusam ser equiparados aos portugueses dessa metrópole: ser «retornado» é continuar a definir-me como «um português de África”. (Ferreira, 2002, pp. 84-87)

Mais uma vez podemos ver, implícito nas citações, todas as questões sociais que ser retornado incluía. Desde a dor à perda, mas também à vitória de conseguir vingar em outro país.

Os retornados eram agora dependentes de várias ajudas e um sinónimo de carga para os familiares, que não queriam assumir nenhuma responsabilidade pelos parentes distantes. Apesar de qualificados e com mais-valias para inovar o país, não lhes era dada a oportunidade de evoluir e de tentar ser algo mais do que um retornado desempregado que sobrevive dos subsídios públicos. Os entrevistados que ouvi queixaram-se do mesmo. Não tinham emprego porque eram retornados e outros até por serem divorciados. Nesta altura, em Portugal, o divórcio estava fora de questão, ainda era um tabu, se assim lhe podemos chamar.

Nem de propósito, foi-me sugerido pela minha orientadora Sónia Passos, ver e analisar o filme *Tabu* de Miguel Gomes. Este filme fala-nos de uma história de amor impossível entre Aurora e Ventura. É-nos contada a história do passado, à medida que nos é apresentada a Aurora do presente. Ela é agora uma idosa frágil e que vive com a sua empregada de raça negra, Santa. Pilar é a sua vizinha e amiga, que muitas vezes a ajuda. Para mim, mais do que um amor impossível, este filme fala-nos de memória. Aurora confunde-se muito e tem imensos lapsos de memória. Confunde Portugal com África, pois muitas vezes tem flashes de memória que a fazem pensar que ainda está nas ex-colónias africanas. Num destes episódios, por exemplo, ela está no hospital e o seu cérebro faz-lhe pensar que ainda está em África. Ela é sempre acompanhada por Santa, que a ajuda e a vai buscar recorrentemente ao casino, devido ao seu vício pelo jogo. No seu dia a dia muitas vezes Aurora, ainda adota uma atitude muito senhorial para com a Santa. Estes flashes e lapsos de memória, podem estar associados a traumas e ao facto de nunca realmente se ter desapegado de África. Todos estes traumas e sentimentos fizeram-me lembrar e relacionar com os da minha avó e da minha tia-avó. Elas saíram de África, mas África não saiu delas.

Na série *Depois do Adeus*, lembro-me que o que me ficou muito marcado foi uma cena do primeiro episódio. Com o título *O fim*, este é um episódio que nos mostra como foi para os portugueses nas ex-colónias, receber a notícia do golpe de estado de 1974 na metrópole. O primeiro momento que me ficou marcado foi uma frase da personagem Teresa, em que esta pergunta à amiga “Será que é desta que a guerra acaba?” (Patrícia Sequeira, 2012, minuto 05:25). Mais uma vez podemos verificar, que os portugueses já estavam cansados da guerra, ainda por cima, de uma guerra que não era deles.

O segundo momento, foi um diálogo entre Victor e Álvaro. O diálogo entre as personagens é o seguinte:

“Victor: Nós estamos perdidos, está visto.

Álvaro: Não estamos nada, isto é bom, é sinal de que as coisas vão mudar. Angola é grande e rica não precisa da metrópole para nada.

Victor: (...) E se os *pretos* começam a mandar?

Álvaro: A metrópole é que não pode mandar. Angola é de quem cá está, de quem vive e trabalha nesta terra.

Victor: (...) E se acontece aquilo que aconteceu no Congo? Os *pretos* a expulsarem os brancos e...

Álvaro: Ninguém vai expulsar ninguém. Nós somos brancos, mas somos angolanos. E também mais cedo ou mais tarde este regime tinha que acabar.

(...)

Álvaro: Não te preocupes pá, não vai sair daqui nenhuma catástrofe” (Patrícia Sequeira, 2012, minuto 05:50-06:26)

Podemos ver que apesar do que se passava à sua volta, os portugueses mantinham uma réstia de esperança. Achavam que também eles podiam fazer parte daquela revolução e evoluir com Angola sem sair de lá. Não acreditavam que podiam ser expulsos, como muitos foram na guerra da independência do Congo. Eles queriam fazer parte da independência e não esperavam que a catástrofe estivesse prestes a consumi-los. Já o meu bisavô, segundo o que a minha avó me contou, previu a guerra e de certa forma a descolonização. Assim que pôde, fez as suas malas e veio para Portugal. Tudo isto para evitar ficar sem nada novamente, pois tinha perdido tudo quando fugiu do Congo.

No documentário *Chegada de refugiados portugueses de Angola a S. Tomé – 1993*, fiquei a perceber e entender melhor o papel dos Estados Unidos da América na descolonização. Vi e senti a entreajuda entre retornados que muitos falam. Quem chegou cá e foi entrevistado, media muito bem as palavras com os jornalistas. Muitos afirmavam que só falavam sobre o processo de transição, depois que os outros portugueses chegassem Portugal e terra firme. Afirmaram também que não foi um processo fácil e receberam até ameaças. Outros tinham pena de quem tinha ficado para trás por não ter documentação portuguesa. Muitos angolanos conseguiram escapar porque eram casados com portugueses e através desses papéis conseguiam adquirir a documentação portuguesa. Quem não teve essa sorte ficou lá retido e preso no sofrimento.

Ponte Aérea 1975 Luanda – Lisboa "Os Retornados", este documentário permitiu-me entender melhor toda a questão da ponte aérea e marítima entre Angola e Lisboa. A minha avó veio no navio cargueiro que vemos nas imagens e relembra-o como “uma cidade sobre a água”. Neste documentário comecei a procurar e adquirir referências para a idealização do cenário. As malas, caixotes e paletes entolhados foi a primeira imagem que criei na minha cabeça e era ironicamente bela. Aproveitei e fui retirando também inspiração para os figurinos. Reparei nas camisas justas, muito coloridas e acetinadas, nos vestidos curtos e nas calças justas que acentuavam a silhueta da mulher.

O documentário *Retornados ou Os Restos do Império* foi uma grande base de inspiração para a realização e gravação das entrevistas. Inspirei-me, sobretudo, nos planos para a gravação. As imagens dos aeroportos cheios de pessoas e de malas, serviram-me de inspiração para mais tarde idealizar e construir o cenário. Neste documentário fiz também uma recolha pontual de algumas histórias e inspirei-me para a criação da cena inicial do espetáculo, que é a cena em que estou na máquina de escrever e é projetada uma definição de retornado.

Uma coisa que também achei particularmente engraçada ao longo do meu projeto, foram as palavras que eram utilizadas pelos portugueses nas colónias e que eram completamente diferentes das da metrópole, mas que no fundo se referiam à mesma coisa. Por exemplo, em África chamavam o autocarro de *machimbombo*. Um *cherokee* era um avião e uma *kubata* era a casa onde viviam os homens e as mulheres das comunidades africanas locais.

Movida pela curiosidade e depois de algumas destas palavras, decidi fazer outro tipo de busca. Decidi procurar no dicionário Priberam o significado de retornado, ver o que encontrava e se poderia ser utilizado no espetáculo. O resultado foi o seguinte:

- Retornado – que ou quem regressa definitivamente ao seu local de origem; que ou quem retornou.

Decidi apropriar-me desta definição e juntá-la com a que aparecia no início do documentário *Retornados ou Os Restos do Império*, desta forma eu queria que elas se complementassem e mostrassem o significado da palavra retornado.

Os testemunhos dos inocentes

Através de todas as referências de documentários, filmes e artigos que li, comecei a elaborar o que viria a ser o guião para as entrevistas. Guiar uma entrevista não é fácil, temos de estar muito atentos e saber conduzir a pessoa entre as perguntas, para que não se repitam respostas e histórias. Começaram então a surgir em mim algumas questões “Como faço isto? Como chego lá? Como introduzo o tema? Como preparo as pessoas para as questões mais difíceis e polémicas?” Tive de fazer um estudo e decidi começar por ler e ver algumas entrevistas, para perceber qual seria a melhor forma de abordagem às pessoas. Não o podia fazer de qualquer maneira, tinha de as preparar. Tinha de lhes passar confiança, nomeadamente à minha avó, para que ela confiasse em mim e desabafasse comigo. Não a queria tensa, com vergonha ou com medo de contar a sua história. Queria que ela estivesse relaxada, que se sentisse confortável e segura. Comecei então a redigir o guião de perguntas para a entrevista. Algumas questões eu já as tinha pensado, outras surgiam enquanto via documentários ou lia artigos, mas tive de as reformular para atingir o meu objetivo.

O passo seguinte consistiu em publicar um cartaz de um *Open Call*, na rede social *Facebook*, onde eu mencionava que estava à procura de pessoas na mesma situação que eu. Pessoas que fossem filhos ou netos de retornados. Isto criou um efeito de bola de neve em que umas pessoas me recomendavam outras. Recebi várias mensagens, de uma enorme quantidade de pessoas, dispostas a falar sobre o assunto e que se demonstraram disponíveis para serem entrevistadas. Fiquei bastante surpresa pela enorme abertura e disponibilidade das pessoas, não contava ter tanta adesão. Nunca pensei que as pessoas estivessem tão abertas a falar de um assunto que ainda é tabu e que as marcou e magoa bastante. Ao receber então, algumas propostas de possíveis candidatos e familiares, tentei perceber como lidavam com a situação. O que sentiam? Como era para eles serem familiares de retornados? Sentiam a mesma revolta que eu? Não compreendiam, tal como eu? Ignoravam? Sofriam de *bullying* por isso? Como iria eu lidar com a situação no momento em que falávamos? Conversei com algumas pessoas e entrevistei os meus familiares. Fui tentando perceber de uma forma mais informal, se estariam disponíveis para falar comigo, para me contar a sua história. Alguns demonstraram-se logo disponíveis e outros um pouco mais desconfortáveis e apreensivos. Relativamente aos candidatos do *Open Call*, a minha ideia era de os entrevistar pessoalmente, mas dadas as circunstâncias da pandemia, eu não consegui realizar a entrevista presencial e gravá-la. Fazê-la no *Zoom* ou em outra plataforma *online*, também passou por ser uma opção, mas que rapidamente se tornou inutilizável. Era uma barreira que criava distanciamento entre mim e os entrevistados. Algo que eu não queria e, por esse motivo, acabei por me centrar apenas nas entrevistas do meu seio familiar.

Passei à ação e comecei a realizar as entrevistas. Eu já tinha as histórias e conversas pontuais que fui tendo com os meus familiares, mas ainda assim decidi entrevistar uma pessoa em particular, a minha avó. Achei por bem, que ela fosse entrevistada e gravada na casa dela. Era um ambiente que para ela era familiar, transmitia conforto, segurança, calma e, principalmente, era controlado por ela. Optei por esta escolha em vez de a levar para um sítio desconhecido, onde provavelmente ela iria estar desconfortável e insegura. A gravação da entrevista correu muito bem e foi um momento muito bom de partilha entre avó e neta. Por vezes, a minha avó respondia logo a duas questões numa só pergunta e então eu avançava para a próxima. Mas noutras alturas, eu tinha de escolher bem o que ia perguntar a seguir, de forma a chegar às questões mais complicadas sem a deixar tensa e ansiosa.

Desenvolvimento

A (re)construção

Depois de gravada a entrevista, todo o material passou por um processo de filtragem. Selecionei, de entre tudo o que a minha avó me tinha contado, o que era mais importante, o que eu ia querer abordar, falar e trazer para cena. Iniciou-se assim o processo de transcrever a entrevista e de sinalizar as histórias mais marcantes. Apesar de todo aquele conteúdo de qualidade, parecia que faltava algo. Eu não queria centrar todo o meu projeto na minha avó, até porque não me parecia justo para com ela divulgar todo aquele sofrimento de uma pessoa em específico. Foi aí que decidi juntar um pouco das entrevistas dos documentários e criar o guião do espetáculo. A entrevista da minha avó era a entrevista chave, mas a inclusão e apropriação das restantes entrevistas, permitiu-me falar e criar de uma forma um pouco mais impessoal. Nunca esquecendo que o projeto partia de mim e era sobre mim, mas que também refletia a realidade de muitas outras pessoas. Eu queria que elas também se sentissem representadas de alguma forma e que não fosse apenas a Gisela e a sua família a serem representadas.

No início da construção do guião, para me poder organizar melhor, eu comecei por fazer divisões de possíveis cenas, dar-lhes o nome dos temas e histórias que eu iria querer abordar e que já me tinham sido previamente contadas. As cenas que eu tinha pensado no início eram: pílula e relação da mulher, machimbombo, cafeeiro, carimbo, exposição fotográfica e testemunhos em rádio.

A exposição fotográfica foi uma das ideias que eu também tive no início. Ela iria decorrer à saída do espetáculo, mas acabou por ser uma ideia não realizada devido à pandemia e a outros inconvenientes, tais como a possibilidade de claustrofobia e a impossibilidade de o público sair por uma porta diferente da que entrou. Nesta exposição a minha ideia era que o espectador se sentisse lá, que sentisse uma ligação com as fotografias expostas. Queria que fosse estimulado a pensar, a refletir e a imaginar-se naquele local. Esta exposição teria fotos da minha família, de outros testemunhos e outras recolhidas na internet. Esta exposição teria um acompanhamento musical muito especial, iria ser acompanhada pelo áudio das entrevistas gravadas. Isto porque, outra coisa que eu também queria fazer era que de certa forma as entrevistas estivessem presentes no espetáculo. Lembrei-me de as utilizar como sonoplastia, completas ou apenas as partes mais apropriadas. Como se estivéssemos a ouvir um programa de rádio em directo.

Colocá-las como voz off era também uma opção, mas acabei por não o fazer, pois os entrevistados podiam sentir-se desconfortáveis com o facto da sua voz ser revelada. Esta foi outra ideia que acabou por cair por terra, porque depois eu acabei por dar vida a essas histórias e personagens. Acabei então, por gravar essas frases e diálogos.

Drama(turgia)

Como ponto de partida para a escrita, comecei por pensar em tudo o que me afetava psicologicamente acerca deste tema. Tudo o que era utilizado para me destabilizar e fazer sentir desconfortável. Depois, tentei fazer um exercício diferente e passar a ver como uma coisa positiva, o que isso alterava em mim e que situações ou hipóteses me surgiam na cabeça. Por exemplo, em vez de pensar que era respondona porque sou retornada como o meu pai, pensei em ser tão linda porque sou retornada. Isto criou-me alguma confusão. Primeiro porque nunca vi e acho que nunca vou chegar a ver, alguém a ser elogiado por ser retornado. A nossa mente não está formatada para isso. Parecia que algo não encaixava bem, ou que não soava bem. Isto porque, toda a minha vida, fui formatada para pensar que os retornados são maus e merecem ser agredidos verbalmente e não elogiados. Isto não está certo, era isto que eu queria de certa forma mudar.

À medida que eu ia escrevendo, o texto foi fluindo naturalmente e quando me dei conta, já tinha várias cenas escritas e prontas a serem afinadas. Acabei por definir então, que os meus temas e cenas finais seriam:

- O cafeeiro, o quotidiano e a história da perseguição;
- O *machimbombo*, tensão de guerra e a tentativa de assalto;
- A questão da pílula e o papel da mulher naquela época, nomeadamente, no casamento;
- Sofrer coações e intimidações devido à questão de ser divorciada e retornada;
- O espaço, a coscuvilhice, a desilusão da metrópole e a saudade.

Depois de já ter as cenas alinhadas e afinadas, senti que me faltava um fio condutor. Uma vez que eu ia estar sozinha em palco, eu precisava de algo que me ajudasse a fazer as mudanças e as transições de personagens. Pensei então, no antes e no agora de uma forma muito literal. O

conteúdo do guião era como uma espécie de travessia entre Portugal e África, antes e depois de 1974 e antes e depois da descolonização. Neste momento senti que era necessário criar uma *persona*, que viesse a assumir diferentes personalidades de várias pessoas. Quase como uma esquizofrenia mental, que nos permite ser completamente diferentes em diversas situações. A minha inspiração central para esta criação de troca de mentalidade e atitude, foi a fotógrafa e artista Francesca Woodman, com os seus autorretratos fantásticos. Através do seu livro *Some Disordered Interior Geometries*, eu vi a possibilidade de várias mulheres estarem representadas naquelas fotos, mesmo sem ter um corpo presente.

Defini também que o início e o fim do espetáculo, teria de ser com a minha *persona* a incorporar a Gisela do século XXI. Esta era uma *persona* que ia assumir posições, papéis e pensamentos diferentes, ao longo do desenvolvimento da história. A primeira vez que aparecia era como a Gisela antes do surgimento deste projeto. Uma Gisela revoltada, que não compreende o porquê de ser apelidada de retornada e muito magoada. No fim, acabaríamos por ver a *persona* como uma Gisela pós-pesquisa, mestrado e espetáculo. Aqui ela já compreende e lida muito melhor com todas as suas questões e inquietações. É uma reformulada Gisela, que tem orgulho de onde vem, da sua família e que quer contar ao mundo a sua história.

Posto isto, consegui ter a dramaturgia toda fechada e finalizada em julho, pronta para começar a tratar de todos os outros pormenores.

Cenário

Comecei pelo cenário, que previamente eu já sabia que queria, devido às referências e ideias que fui tendo. Queria o mais caracterizado à época possível e imaginava um monte com imensas malas de viagem, que no fundo representavam todos aqueles retornados e as suas histórias. As malas eram também uma forma literal de representar a bagagem que os portugueses conseguiram trazer, mas contrariamente representava também tudo aquilo que tiveram de deixar para trás. Com isto, eu pretendia, com apenas um cenário, criar dois ambientes. O primeiro seria o espaço com as malas e todas as suas características que já mencionei. O outro era uma sala de época, muito mais característica e literal, em que seria notada e estaria mais presente a *persona* da Gisela. Com isto criava dois espaços, um mais relacionado com os testemunhos e as personagens e outro mais da *persona*.

Para me inspirar e poder tornar real o que eu imaginava, comecei por fazer uma colagem de ilustrações de vários objetos que eu queria. Após analisar e rever a colagem, decidi pedir ajuda à minha colega de cenografia Rossana Ribeiro. Tivemos uma conversa, após a análise dela à colagem e ao guião, com o fim de percebermos se fazia sentido a ligação entre cenário, guião e história. Quando já tinha bem em mente o que queria ter em palco, procurei ajuda para encontrar alguns objetos. Para isso, falei com a professora Marta Silva que me ajudou e levou até à fábrica de cenografia da ESMAE para vermos quais os materiais e objetos que eu poderia utilizar. Ao chegar lá, percebi que algumas das ideias não iriam ser concretizáveis e tive de optar por elaborar outro plano e construir o cenário com o que tinha disponível.

Por exemplo, na minha colagem a sala era composta por uma cadeira e uma secretária, mas assim que cheguei à fábrica e vi a poltrona, tive de a trazer. Na impossibilidade de trazer uma secretária, procurei objetos ou pequenas mesas que se pudessem adequar ao ambiente proposto. Outra situação que aconteceu foi com as malas, em que eu tinha idealizado tê-las perto de um aparador de sala, de modo a compor mais o espaço. O que eu não esperava, era conseguir ter tantas malas em cena e poder abandonar completamente a ideia do aparador. Fiquei extremamente contente com o resultado final de ter uma parte composta apenas por malas.

Luz

O desenho de luz não estava propriamente pensado ou pré-definido, mas eu já sabia o que queria. Era um ambiente com poucas trocas de luz, apenas alguns pontuais e umas luzes para transição de personagens. Fiquei muito contente por poder cumprir com tudo o que tinha idealizado. Roubei um pouco de inspiração também a outros espetáculos de teatro documental, mas o que mais me inspirou foi o espetáculo *Um museu vivo de memórias pequenas e esquecidas* de Joana Craveiro.

Objetos-documento

Este subcapítulo tem este nome porque num teatro documental, como o próprio nome indica, o documento é o centro e a base para a sua realização. O maior documento deste projeto

foi a minha avó. Apesar de que as histórias das outras pessoas também assumiram um papel muito importante enquanto documento. As histórias que transformei foram documentos, as personagens eram documentos aos quais dei vida.

Na área do documento e do teatro documental, eu tenho boas referências. A maior delas todas, que mais me influencia nos dias de hoje e com quem eu mantenho ligação é a Joana Craveiro. Para mim, a Joana é uma referência enquanto artista, mas também enquanto pessoa. Ela não consegue ver que algo está mal ou não é correto e seguir sem fazer nada. Foi isso que eu fiz, tentei dar o meu contributo num tema que eu acho que a sociedade não trata com o devido respeito. O trabalho da Joana Craveiro, também me inspirou para a recolha do máximo de testemunhos e objetos de época.

André Amálio é outro nome ligado às minhas inspirações e referências. Após analisar a entrevista que Amálio deu para o *Coffeepaste*, consegui concluir que temos algumas coisas em comum. Para além da temática dos nossos projetos, curiosamente, Amálio também se começou a interessar pelo tema da descolonização durante o seu mestrado. A falta de respostas para as pessoas que lhe perguntavam sobre o colonialismo português, levou-o a investigar e procurar entender cada vez mais sobre o assunto. O método que ele mais utiliza é o método de Verbatim, que significa literalmente e consiste em, após realizar as entrevistas, utilizar à letra as palavras das pessoas em cena. Curiosamente, este método é atribuído a Erwin Piscator que é o meu praticante, inspiração e alvo de pesquisa durante estes dois anos de mestrado.

Outro nome que é igualmente importante de mencionar é a Tânia Dinis, que desde 2011 produz "Arquivo de Família". Neste arquivo Tânia faz uma recolha de documentos pessoais e anónimos. Estes documentos, começam a ficar acumulados e, posteriormente, são trabalhados como objetos artísticos a partir de várias perspetivas e campos artísticos. Gosto particularmente da forma como a Tânia aborda e trabalha as fotografias, juntamente com o vídeo e o som. A sobreposição de fotos, negativos e cores é um trabalho esteticamente muito belo e que me fascina imenso. Com um trabalho único, que passa por diversas áreas, Tânia Dinis inspirou-me também para a recolha de fotografias e em como trabalhar com elas dentro e fora de cena.

O teatro documental é isto. É utilizar factos, documentos e a história como fontes para a criação de um espetáculo. O que as três referências mencionadas anteriormente têm em comum é a procura e entusiasmo pela história, pelo passado e por despertar a consciência do seu público. Porém, se repararmos bem, estes três artistas não têm um trabalho feito a partir deles ou do ponto

de vista deles enquanto familiares de retornados. São espetáculos sempre sobre outros e do ponto de vista dos outros. É nisto, que o meu espetáculo se destaca. Para além de ter a perspetiva de outras pessoas, tem também a perspetiva da Gisela filha e neta de retornados. Tem as minhas dúvidas, inquietações e mágoas do passado.

Relativamente a objetos–documento, a máquina de escrever para mim foi um objeto muito importante e central. Como a minha avó era dactilógrafa e adorava o que fazia, senti que devia trazer isso para cena de alguma forma. Eu não sabia que a minha avó tinha tido esta profissão, mas quando ela me explicou em que é que consistia e a lembrou, os olhos dela inundaram-se com um brilho especial, um brilho que eu nunca tinha visto. Dessa maneira eu queria honrá-la e deixar presente uma marca que fosse só dela, porque ela deu muito a este projeto.

Quando eu descobri que ela era dactilógrafa fiquei fascinada. Primeiro porque, muito sinceramente eu não sabia sequer o que significava, e então soava-me como uma profissão super importante tipo, assessora do Presidente da República. Depois apercebi-me de que fiquei em êxtase porque gosto muito do trabalho de secretariado, de organização e escritura. Como este era um espetáculo, de um ponto de vista estético, documental, eu considerei então a máquina de escrever como um documento.

Neste espetáculo decidi também integrar fotos da minha família, dos seus empregos e momentos de lazer, como forma de documento. Isto para criar também alguma proximidade entre os objetos–documento e o guião. Outro exemplo de objeto–documento que foi usado como sonoplastia, foi o som do avião. Este som, é uma referência de objeto–documento, uma vez que, foi referido pela minha avó como uma das coisas que mais lhe assustava e causava pânico.

As malas também eram um objeto–documento muito interessante. Para além de representarem todos aqueles retornados e os testemunhos, eram também uma ligação com o passado. De certa forma, eu conseguia ligar-me muito mais ao passado e à época através delas. Eram também uma maneira de representar todos os que não vieram e dos que vieram, as malas que foram perdidas ou nunca recuperadas. Quanto à mala mais moderna, que eu usei no fim do espetáculo, essa é uma referência ao presente e futuro. Depois deste espetáculo, não sou a mesma Gisela. Já não vivo com revolta e incompreensão. Desta forma, o *trolley* representa a história que ainda estou a escrever, a minha história.

Figurino

O figurino foi pensado e elaborado, em colaboração com a minha colega Beatriz Filomeno. No início, ela sugeriu que eu fizesse algumas perguntas à minha avó. O que é que ela vestia na altura? Como era a sua relação com as roupas? Como eram as cores e os tecidos?

Decidimos então fazer uma mistura entre os anos 60 e 2021, uma vez que as personagens estavam presas em outro tempo, mas eu própria tinha momentos em que assumia a Gisela dos dias de hoje. Analisemos então as diferentes personagens que aparecem ao longo do guião.

A Gisela, na cena I, é uma rapariga revoltada e que não entende porque é que é apelidada de retornada, apenas porque o seu pai é, supostamente, retornado. Esta *persona* busca a compreensão, justiça, entendimento e empenho do público.

A primeira personagem que se inspira nos testemunhos é a *Persona* científica, cena VI. Ela apresenta-se como uma mulher estudiosa, entendedor e muito assertiva. O seu figurino remetia para uma médica ou investigadora já que o assunto principal de que ela nos fala é a pílula e da relação com a mulher. Ela apresenta-se de salto alto e com uma bata branca, de modo a caracterizar e acentuar todas as características que mencionei anteriormente.

A *Persona* chique, cena VII, é uma mulher burguesa, delicada, que adora o seu trabalho e local de residência. O seu figurino é caracterizado pela gargantilha, lenço pelos ombros, bolsa e salto alto. Esta personagens passa por um processo de transformação a meio da cena, devido a uma experiência de vida. Deixa de ter uma ideia formatada sobre os nativos de Angola e passa a vê-los com a mesma importância que ela.

A personagem da Mulher traída, cena IX, é uma personagem muito complexa psicologicamente. Passa por várias transformações e inseguranças durante toda a cena. Não é uma personagem estável, devido à sua condição de vida. A nível de figurino, ela é caracterizada como uma mulher simples do meio rural, por isso o seu maior elemento é o vestido longo e o cabelo apanhado em baixo. Não é uma mulher que se arranja e se põe bonita para o marido, é uma mulher que com o tempo se acomodou. Cheia de inseguranças, medos e questões ela acaba por descobrir que o pior dos seus pensamentos se concretizou.

A última personagem, que é a Senhora do páreo da cena XI, é uma personagem um pouco mais fútil e superficial. Não se preocupa muito com o que aconteceu, com os que ficaram para trás e

com quem era nativo de África. Por muito má que possa ter sido a guerra, esta personagem mostra-nos que para ela o importante era a vida boémia, a praia, os convívios e as festas. A nível de figurino está caracterizada com um páreo, um chapéu de palha e uns óculos de sol.

Por fim a Gisela da cena XII, já não é a mesma do início. Agora, esta *persona* apresenta-se muito mais calma, contida e sem revolta. Já não levanta a voz para ser ouvida, pois percebe que isso não lhe adianta. Opta pela calma e assertividade para se fazer ouvir e ser compreendida.

Composição e selecção musical

A composição musical foi feita pelo Guilherme Cruz e orientada por mim, uma vez que eu já tinha seleccionado algumas músicas e estilos que queria ter presente no espetáculo.

A música inicial é uma música calma e que vai marcando o ritmo da composição do cenário. É uma música que tem presença e nos prepara para o que está prestes a acontecer. Logo de seguida, optei por utilizar uma sonoridade única e reconhecida em qualquer lugar. Utilizei a máquina de escrever em silêncio absoluto por isso mesmo, pela sua sonoridade singular e melódica.

A segunda música é um marco para uma transição entre Gisela e a personagem científica. É uma música assertiva e com um certo poder, de forma a conjugar com a personagem que está a ser caracterizada naquele momento.

A terceira música utilizada é uma música mais controlada e com um toque erudito. A personagem que está a ser caracterizada durante esta música é a *Persona* chique, daí a escolha deste tipo de música.

No início da cena VIII, que é a cena do café, temos uma música de elevador. Calma e relaxante, tal como o café deve ser. O propósito desta música e da sua escolha foi que esta resultava com o processo de descaracterização da personagem, mas também encaixava com o momento de preparação do café.

A próxima música foi utilizada na cena IX, cena da Mulher traída, e é uma música complexa e que já nos passa algum sentimento de ansiedade. Neste momento teria de ser uma música deste

género e que passasse algum desconforto ou confusão ao público, devido à personagem que estava a ser caracterizada.

Na cena XI, da Senhora do páreo, temos dois tipos de música. A primeira que inicia a cena e a caracterização da personagem é uma música calma e forte. Uma vez que a personagem nesta altura fala de guerra, precisava de algo que acompanhasse o seu discurso. No fim da cena, quando fala da praia e das festas, a música é mais alegre de forma a transmitir uma certa leveza.

A última música do espetáculo foi a escolha mais fácil de fazer. Enquanto pensava em todas as outras músicas, decidi que também fazia sentido ter uma música no fim que resumisse toda aquela viagem. Que caracterizasse e acompanhasse a Gisela que renascia no fim daquele espetáculo. Enquanto pensava, lembrei-me da música *E depois do Adeus* de Paulo de Carvalho e nunca uma música fez tanto sentido para mim. Resumia tudo o que eu sentia e todo o processo que passei nesta busca e pesquisa interior.

Resumidamente, todas as escolhas musicais deveram-se sobretudo ao facto da intensidade, mudança e caracterização das diferentes personagens e da *persona* Gisela.

Design e produção

Relativamente ao design e produção do espetáculo, foi tudo feito por mim. Eu idealizei e desenhei o cartaz, convite e folha de sala. Inspirei-me no cenário e na colagem que tinha feito inicialmente e tentei criar um design que se relacionasse com o guião. Escolhi uma máquina de escrever como imagem porque para mim, ela é o objeto principal de todo o projeto e mais uma vez, decidi destacá-la.

Sinfonia de lá, como e porquê?

O espetáculo intitula-se *Sinfonia de lá*, pois sempre que a minha avó ou os outros testemunhos se referiam a África mencionavam sempre este substantivo. Ouvi tantos lás, que decidi que isso tinha de estar relacionado com o nome do projeto. Não podia ser simplesmente lá

ou algo com lá imposto, tinha de ter alguma harmonia. Lembrei-me da música e da composição musical e foi daí que surgiu o *Sinfonia de lá*.

Conclusão

A chegada

Chegamos então ao nosso destino. Aqui eu vou pensar e refletir sobre todo este processo que foi a *Sinfonia de lá*. O que retiro desta experiência é algo muito positivo. Foi a primeira vez que eu me desafiei e fiz tudo sozinha, literalmente. Eu nunca tinha escrito o meu próprio texto e criado a partir dele. A maneira como foram pensados o cenário, o figurino e a música, foi uma novidade para mim. Estar sozinha à frente de um projeto desta dimensão foi desafiador, mas sobretudo reconfortante. Encontrei respostas para as minhas questões, pensei, batalhei, debati-me e desafiei-me. Revoltei-me e encontrei uma nova maneira de lidar com todos os sentimentos e inquietações que eu tinha no início.

Quando penso neste espetáculo, penso em mim. Penso no meu passado, na minha história e em tudo o que me trouxe a onde estou hoje.

É claro que há coisas que eu melhorava, porque podemos sempre melhorar alguma coisa. Neste caso, dedicava mais tempo à criação, análise e construção das diferentes personagens. Se calhar até optava por colocar mais alguém ou outras pessoas comigo em palco, de forma a tornar o espetáculo mais dinâmico. Ao incluir essas pessoas, gostava de criar abertura e espaço para que elas falassem também sobre si e os seus processos de descoberta. Fazia uma cena encenada de uma entrevista e gravava ao mesmo tempo que projetava numa tela. Outra ideia que também gostava de fazer, de modo a incluir mais pessoas, era a realização de um teatro de percurso. Neste teatro cada ponto podia ser uma história, uma vida ou um tema diferente.

Agora resta-me pensar e deixar esta dinâmica para um próximo espetáculo. Sim, porque isto não fica por aqui. Quero melhorar o espetáculo onde me for possível e a partir dele, quem sabe, até poder criar uma espécie de trilogia. A descolonização é um tema demasiado complexo para se ficar apenas pelo retorno. E os que lá ficaram? Os que foram separados e as famílias divididas por vários pontos do mundo?

Tudo isto são novas questões, que espero um dia serem pontos de partida para novos espetáculos, novas experiências e novas descobertas. Enquanto eu o poder fazer, vou permitir-me a pensar, analisar e documentar sempre sobre aquilo que mais me intriga.

Bibliografia

Chegada de refugiados portugueses de Angola a S.Tomé. (1993). Obtido de YouTube:
<https://www.youtube.com/watch?v=j3jn8xA6F8A&t=68s>

Ferreira, L. (Realizador). (2002). *Retornados ou Os Restos do Império* [Filme].

Gomes, M. (Realizador). (2012). *Tabu* [Filme].

Marques, A. (dezembro de 2015). Retornados, não – deslocados ou refugiados. *Os refugiados na Europa do século XX*, pp. 84–87.

RTP (s.d.). *Ponte Aérea 1975 Luanda – Lisboa "Os Retornados"*. Obtido de YouTube:
https://www.youtube.com/watch?v=0evqev8_Omk&t=5s

Sequeira, P. (Realizador). (2012). *Depois do Adeus* [Filme].

Simões, P. O. (novembro de 2015). Retorno a um local estranho. *1975 Um país do avesso há 40 anos*, pp. 31–41.

Woodman, F. (s.d.). *Some Disordered Interior Geometries*.

Anexos

Anexo I – Guião de entrevista

Informação biográfica (respostas diretas – sem desenvolvimento)

1. Nome
2. Género
3. Idade
4. Local de nascimento (cidade, país)
5. Mobilidade territorial (lugares onde viveu)
6. Datas das mudanças de residência
7. Constituição familiar (se aplicável)
8. Local onde conheceu o cônjuge (se aplicável)
9. Local de nascimento de filhos (se aplicável)
10. Nacionalidade formal
11. Definição emocional de nacionalidade

Categorias temáticas e questões relacionadas com as mesmas (respostas abertas – não controladas)

- 1) Saída de Portugal
 - a) Lembras-te do dia em que foste? Consegues descrevê-lo?

- 2) Chegada a África
 - a) Como foi chegar lá? Qual a receção?
 - b) Viver lá era como viver no paraíso? Porquê?
 - c) Como era a relação entre portugueses lá? E cá?

- 3) Saída de África/ regresso a Portugal
 - a) Quando voltas? Qual foi o meio de transporte quando voltaste? Estava lotado, semicheio ou quase vazio? Em que dia embarcaste? Participaste da ponte aérea?
 - b) Foi fácil voltar?

- c) O que trouxeste contigo? Trouxeste algum bem quando embarcaste? O que ficou para trás?
 - d) Com quem voltaste/vieste?
 - e) Como era a relação entre portugueses lá? E cá?
 - f) Lembras-te das cargas e caixotões de madeira junto ao Padrão dos Descobrimentos? Como descreverias essa memória/imagem?
 - g) Tinhas algum brinquedo favorito ou animal de estimação? Ainda tens? Onde ficou? Como ficou?
 - h) Com que idade vieste/regressaste?
 - i) Sentiste que eras um estranho/estrangeiro para os portugueses quando voltaste? Como foste recebido? Alguém te foi buscar ao aeroporto/porto marítimo?
 - j) O apoio do IARN era notável e favoreceu-te em algum aspecto? Em que te ajudaram?
 - k) E o CPD? Obtiveste algum apoio da sua parte?
- 4) Perceções sobre colonização/ ditadura/ descolonização
- a) Onde estavas sentias a ditadura? Em que aspetos notavas que era mais/menos forte a sua presença?
 - b) O que achaste quando Salazar fomentou a migração para as “províncias ultramarinas” em 1960, uma vez que, já estava em curso os conflitos que se resumem no conceito da Guerra Colonial?
 - c) A Guerra Colonial era uma realidade constante onde vivias?
 - d) Sentes que a descolonização é uma ferida aberta?
 - e) Como foi esse processo de descolonização? Valeu a pena? O que mudavas?
- 5) Relação com os autóctones e outros portugueses: amizades, conflitos (...)
- a) Lembras-te de algum amigo ou alguém de lá que gostasses muito? Como era ele(a)? O que faziam quando estavam juntos? Era local ou emigrante?
 - b) Tinhas algum brinquedo favorito ou animal de estimação? Ainda tens? Onde ficou? Como ficou?
- 6) Experiência do quotidiano: trabalho, escola, ...
- a) Como era a vida lá?
 - b) Do que mais gostavas?

- c) Como eram os professores, a escola e o ensino? Era muito diferente do de Portugal?
 - d) Quando eras criança ao que brincavas?
 - e) Como era a comida lá?
 - f) Como eram as pessoas?
 - g) Viver lá era como viver no paraíso? Porquê?
- 7) Recordar o passado: feridas abertas e/ou lembranças de saudade
- a) De que forma a descolonização afetou a tua infância, experiências pessoais, vida adulta, relação com os outros?
 - b) Qual foi a ferida mais funda que a descolonização te causou?
 - c) Os portugueses eram solidários uns com uns outros durante todo esse processo de adaptação? Como eram as relações entre todos?
 - d) Culpas algo ou alguém? Não culpas ninguém?
 - e) És/Eras a favor da independência daquele país?
 - f) Gostavas de ter feito parte da independência daquele país e do seu futuro pós-guerra?
 - g) Alguma vez sonhaste que a descolonização pudesse acontecer e que terias de fugir e deixar tudo para trás?
 - h) Como é para ti recordar tudo isto? O que sentes?
 - i) A Guerra Colonial perseguiu-te além-mar? Como te sentias?
 - j) Gostavas de lá voltar? Se pudesses voltar o que esperavas ou gostavas de encontrar? E de reencontrar? Visitavas alguém? Revisitavas algum sítio?

Photovoice com orientação de análise

- 1) Identificação temporal e geográfica da foto;
- 2) Identificação das pessoas e do contexto da foto;
- 3) Memórias relativas ao momento registado em foto;
 - a) Quem está na foto?
 - b) Lembraste deste dia?
 - c) O que estavas a fazer?
 - d) Quem tirou a foto?

Anexo II – Guião do espetáculo

Sinfonia de lá

A história de uma(s) vida(s)

Gisela

Música 1

Colocar malas, compor o cenário e arranjar a máquina de escrever. Sentar na poltrona e começar a trabalhar.

Entrada de público

Cena I

Projeção do que está a ser escrito na máquina.

Retornado – que ou quem regressa definitivamente ao seu local de origem; que ou quem retornou; que ou aquele que, após a proclamação da independência dos territórios portugueses da África, regressou a Portugal.

Levantar e dirigir-me lentamente para a boca de cena

Mas para mim retornado sempre foi definição para pai e avó. Não como uma coisa gloriosa e de que se tem orgulho, mas algo com um sentido pejorativo e acusatório. Cresci a ouvir que o meu pai era um retornado, bem como a sua mãe. Cresci a ouvir que era de uma família de retornados. Cresci a ouvir que sou retornada como o meu pai. Cresci também com um sentimento de revolta e uma necessidade de compreender estes rótulos. Quando uma criança não é simpática e parece zangada, às vezes, confunde-se com falta de educação. A mim diziam:

Voz off

-És retornada como o teu pai.

Voz off

Quando uma criança tem sempre resposta, dizemos que é respondona. A mim dizia:

-És retornada como o teu pai.

Breve pausa

Cena II

Por isso é que este projeto nasceu. De uma necessidade de compreender tanto ressentimento e dedo sempre apontado pelo ódio e racismo aos retornados.

Até porque, o meu pai e a minha avó nasceram lá. Se algum dia vão ser retornados é quando regressarem ao seu país de origem, que não é Portugal. Até lá, são meros imigrantes que partiram na busca de um porto seguro. Preciso de explicar, mas também entender tudo isto e muito mais. É como se eu estivesse, constantemente, à procura de algo que me acalme ou que justifique, o porquê de terem sido tratados assim a vida inteira.

**Mudança de atitude,
mais doce e ingénua**

Para mim, enquanto criança, ter um pai angolano era motivo de orgulho. Lembro-me, que sempre que preenchia as fichas na escola acerca da família, ficava super entusiasmada e convencida porque o meu pai era angolano e a minha mãe francesa. Era quase como se eu fosse o resultado de uma espécie de internacionalização e aglomeração de dois estados. Era tudo muito bonito, até eu perceber que para os outros não era visto assim com tão bons olhos.

Para mim, enquanto criança, foi difícil crescer com isto tudo. Mas imaginem todos esses retornados a chegar a Portugal sem nada.

**Mudança de atitude,
mais feroz.**

Agora, imaginem como terá sido para uma mulher, em plenos anos 70, divorciada e com filhos, chegar a um país que não se conhece. E mal chega ganha logo os carimbos de retornada e divorciada. E para não bastar, é olhada de lado constantemente.

Para os portugueses da metrópole, sinto que os retornados eram uma espécie de freak show. Podiam gozar com eles, rir-se deles, chamar-lhes nomes e ainda acusarem-nos de serem maus para a sociedade.

Se, em pleno 2021, ainda é mal visto que uma mulher solteira, que tenha filhos, namore ou case com alguém que não é o pai das crianças, imaginem naquele tempo com a agravante de ser retornada!

**Ir buscar a mala e dirigir
à boca de cena.**

Cena III

**Sentar na boca de cena
e abrir a mala de lado
para o público.**

A história que vos vou contar hoje não é boa nem má. É história! Uma história ficcionada, a partir de várias histórias, de mulheres retornadas e com diferentes pontos de vista. Não vamos assumir nenhum lado, nem presumir que há bons e maus nesta história, porque muita gente sofreu e fez sofrer. Vamos tentar perceber o que nos foi passado de geração em geração e tirar as nossas próprias conclusões. Esta podia ser a história da minha avó, e do meu pai, mas também a história de muitos outros portugueses, até mesmo a vossa história.

**Colocar os quadros no
chão e projetar.
Foco de iluminação nos
quadros.**

As histórias não são repetidas, mas parece que foram todas dirigidas pelo mesmo realizador. Tantos pontos em comum, tantos sonhos em comum, tanto sofrimento em comum, tanto por dizer em comum. Se sentirem que o que estão prestes a experienciar vos irá deixar desconfortáveis e incrédulos, por favor contrariem a vontade de abandonar este barco. Façam por querer chegar ao nosso destino, como muitos outros portugueses quiseram ansiosamente chegar ao um porto seguro. Fosse ele qual fosse e onde fosse.

Breve pausa

**Lentamente começar a
rasgar as fotos à
medida que as
perguntas avançam e
guardar os quadros na
mala.**

Cena IV

**Fechar a mala
abruptamente.**

Já pensaram se um dia ficassem sem nada? Se tudo o que conhecem desaparecesse? Se vos tirassem a casa, o emprego, os amigos, a família? Se vos tirassem a terra? Se vos tirassem o vosso país? E por outro lado, se vos tirassem a liberdade?

Não quero justiça nem polémica, quero apenas relatar e entender dois povos. Não quero agradar gregos nem troianos, que neste caso seriam europeus e africanos. Quero apenas dar o meu testemunho, documentar,

analisar e falar. Falar para que não fique esquecido. Falar para que mais pessoas como eu e como a minha avó também falem sobre este assunto. Falar para ultrapassar dor, perda, memórias traumáticas. Falar para que a memória não se perca e não seja corrompida. Nem que para isso tenha que dizer que o bom e justo colonizador não existiu.

Levantar mala e ficar de pé.

Imaginem, nascer antes do 25 de abril e ser mulher. Agora, imaginem, nascer antes do 25 de abril, ser mulher e nascer num sítio que não era Portugal, mas que a ele pertencia. Agora imaginem tudo isto mais o vivenciar e fugir de duas guerras. A guerra da Independência do Congo e de Angola. E será que depois de tudo isto, ainda conseguem imaginar o desconforto de ser apelidada de retornada, sem realmente retornar a lado algum? Como podemos chamar retornada a uma pessoa que vem para um sítio onde nunca esteve?

Pegar na mala e abraçar a mala

Esta, é a minha bagagem.

Cena V

Coreografia com a mala.

Música 2

Cena VI

Persona científica

Vestir a bata branca e calçar sapatos altos brancos.

Atitude forte e sensual.

Em 1960 surge a pílula e começa também o pesadelo. Com uma eficácia de mais de 90%, a pílula veio revolucionar o mundo e a vida das mulheres. Mas como a vida não é um mar de rosas, tem de haver sempre um ponto negativo, os homens. Neste caso seriam apenas alguns, mas mesmo assim são homens a mais. Eles não queriam que as suas mulheres

tomassem ou usassem qualquer tipo de contraceptivo. Por isso, eles controlavam-nas, vigiavam-nas e ameaçavam-nas. Em alguns casos, as mulheres contaram-me que esta obsessão e controlo por parte do marido ia longe demais. Muitas vezes chegaram a ser violentadas por tomarem a pílula às escondidas. Todo este sofrimento, apenas porque naquela altura os homens tinham como ideal, ter um harém de filhos. A pílula, revolucionária e destruidora de sonhos, vinha acabar com essa possibilidade. Mas vinha também dar às mulheres algo muito importante, a possibilidade de escolha.

Sei também de algumas histórias, menos felizes, que foram chegando até mim, de mulheres que às escondidas dos maridos, tomavam a pílula. Até ao dia em que foram apanhadas e contam que foi um pesadelo.

Voz off

"Por isso é que não engravidas, não é? Agora vais ver o que vai acontecer."

"Vais dar-me os filhos que eu quero. És a minha mulher e eu é que planeio quando engravidas ou não."

Tirar bata

Levaram porrada e outras chegaram até a ser violadas pelos próprios maridos.

Não são histórias boas de se ouvir, muito menos de se tentar recriar. Não foi fácil ouvi-las ao mesmo tempo que o meu cérebro recriava uma espécie de episódio de uma série dramática da Netflix, que evoluía ao mesmo tempo que o discurso destas mulheres. Deparo-me agora também com outra situação. O que é ser, em África, mulher? É ser branca e casada? Ou será que também podemos assumir as mulheres africanas? Devemos assumir todas como mulheres. Sejam elas brancas ou negras, donas de uma fazenda ou de uma kubata. Porque têm direitos e deveres diferentes se são todas mulheres? Porque foi durante tanto tempo a mulher objetificada? Estas são algumas questões, que muitas delas ainda não têm resposta, nem precisam de ter. Apenas algumas questões para pensarmos.

Até porque se virmos bem, em comparação com os homens, as mulheres são muitas vezes vistas como mais fracas. Ainda que tenham passado por esse mundo e o outro para estarem onde estão. E não falo só em questões pessoais e de carreira, mas sim sociais. A mulher é sempre vista mais como um ser mental e emocional, enquanto o homem é visto como um ser mais forte e físico. Neste caso, as mulheres são vistas como mais indefesas. Não é por acaso que isto me faz lembrar outra história.

Persona chique

Música 3 colocar bolsa,
gargantilha e
travessão no cabelo

Cena VII

Pegar no banco,
colocar na boca de
cena e sentar no banco

Bater com o pé no chão

Ficar de pé e começar a
andar. Parar, olhar da

Nessa altura vivíamos num clima tenso e de guerra. Sim, a guerra da independência de Angola em 1961 já tinha rebentado. Toda a gente tinha medo, mas fazíamos a nossa vida normal. Era verão e estava muito calor. Eu usava um belo vestido e uma gargantilha oferecida pelo meu pai à minha mãe. Sentia-me bonita, era o escape que eu tinha para tudo o que acontecia à volta. Entrei no machimbombo, que aqui vocês chamam de autocarro, para me dirigir ao meu local de trabalho. Eu era dactilógrafa, adorava o que fazia. O machimbombo parou para apanhar mais pessoas e eu tinha o vidro da janela aberto de modo a entrar um pouco de ar. Até que, sinto um puxão no pescoço. Um homem negro colocou o seu braço pelo vidro que estava aberto e tentava roubar-me a gargantilha. De repente ouço um barulho e o homem grita. Atrás de mim vinha um senhor, também ele negro, que quando se apercebeu do que se estava ali a passar salvou-me. Empurrou a janela para a fechar e conseguiu trilhar o braço do homem que me queria roubar. Ele salvou-me, mas eu estava tão assustada e em pânico que nem obrigada consegui dizer. Até à minha paragem, eu só pensava no pior. Lembro-me de pensar que quando saísse, o homem poderia tentar assaltar-me.

O machimbombo parou e eu descí.

esquerda para a direita e caminhar apressada. Sentia passos fortes atrás de mim, era como a minha sombra. Parei e virei-me para trás, tinha de o confrontar. O homem seguiu sempre e de repente eu já só lhe via as costas. Corri até ele e agradeci.

Ainda me lembro daquele momento.

Voz off

“-Obrigada por me ter salvo e me ter ajudado.

-Minha senhora, não fiz mais do que a minha obrigação.

- Há algo que possa fazer por si? Deixe-me compensá-lo. Quer dinheiro?

- Não, minha senhora. Apenas fiz o que qualquer pessoa devia ter feito. Não o fiz porque a senhora é branca e eu sou negro e podia tirar algum proveito disso. Fiz, porque se fosse o contrário gostaria que me ajudassem também. Ajudar estava ao meu alcance e eu ajudei a senhora.”

Sorrir e ver homem a ir embora. Falar para o público. Sorrimos um para o outro, eu agradeci novamente e vi-o ir-se embora. Naquele clima de guerra é normal eu ter pensado o pior, é normal eu estar assustada. Naquele dia uma coisa mudou em mim, deixei de presumir que eles poderiam ser todos iguais e fazer as coisas com segundas intenções.

Talvez o senhor me tenha tentado assaltar porque não tinha alternativa. Talvez precisasse de dinheiro para ele e para a sua família. Na minha cabeça surgiam mil e uma possibilidades. Enquanto pensava, dirigi-me ao escritório e tomei um café.

Gisela

Cena VIII

Música de elevador

Retirar mala,

gargantilha e

travessão.

Servir café e beber

Cheirar o café

Beber um gole

Contabilizar pelos dedos

Café segundo o Wikipédia é uma bebida produzida a partir dos grãos torrados do fruto do cafeeiro. Tradicionalmente é servido quente, o que não invalida de ser consumido gelado. É um estimulante e tem um cheiro inconfundível. Sabiam também, que foram feitos estudos que mostram que pessoas que bebem quatro chávenas de café por dia têm um menor risco de morrer de um ataque cardíaco?

Arrisco-me a dizer que o café é uma das minhas bebidas preferidas e se eu for bem a ver, não passo um dia sem ele. Acordo e tomo café ao pequeno-almoço, depois de almoço bebo outro café. A meio da tarde, por

vezes, a seguir ao lanche tomo mais um café e depois de jantar tomo o último café. Contabilizando isto tudo são quatro cafés por dia e menor probabilidade de morrer de um ataque cardíaco.

Beber um gole

Desculpem não ter oferecido, mas são tantos que não saíamos daqui hoje. Toda esta conversa fez-me lembrar uma outra história de uma outra mulher.

Cena IX

Persona

Mulher traída

Música 5

Troca de figurino.

Mulher fragilizada.

Eu já tinha as minhas suspeitas, mas precisava de uma confirmação. Precisava de confirmar que tudo em que eu acreditava era verdade, que as minhas suspeitas estavam erradas e que ele nunca me trocava. Sempre tive medo de ser trocada e deixada à deriva. Não queria que ele fizesse isso comigo, sem me deixar qualquer tipo de apoio ou bote salvavidas, a que eu me pudesse agarrar. Cheguei à conclusão de que só o tinha a ele. Porque com o tempo a família e os amigos, passaram a ser todos em comum, sem qualquer distinção dos meus e dos dele, éramos um. Imaginava como seria se um dia acabasse e quando o fazia ficava à deriva nos meus pensamentos, que acabavam num choro, sem motivo e de sofrimento por antecipação.

Decidi que tinha de parar de imaginar tudo aquilo, pois senti que estava a autossabotar a nossa relação. Eu sempre fui muito curiosa, e sempre prestei muita atenção aos pormenores. E naquele dia ele estava diferente, não me parecia o mesmo. Algo emanava dele, um pressentimento que eu tinha. Vivíamos numa zona rural, rodeada de cafeeiros. Aí como eu adorava aquela zona, todo aquele café à minha volta enquanto eu apreciava o meu café da manhã.

Mudança de atitude

**Seguir o marido com o
olhar**

Era final de tarde e ele disse-me que se ia ausentar porque tinha de tratar de um assunto de trabalho. Fiquei com a pulga atrás da orelha. Porque haveria ele de ir todo aperaltado, trabalhar? Enquanto me questionava, ele saía pela porta da frente. Ao fim de 10 minutos de questões, dúvidas e inquietações, decidi segui-lo. Pelo cafeeiro fora naquele belo fim de tarde, ele era o alvo que eu perseguia. Só pedia para que ele fosse realmente trabalhar e que eu estivesse redondamente enganada. Apesar do perigo do cafeeiro, das cobras e dos ramos baixos que nos cortam de uma figgada só, eu não parei. Até que chegamos ao momento em que entramos numa comunidade africana. Vejo várias kubatas, mulheres e crianças. Vejo-o perto de uma das kabutas e rezo para que não o deixem entrar. Nesta fração de segundos sou avistada por uma criança que vem a correr em direção à borda do cafeeiro. Avistada por uma criança e conseqüentemente pelo meu marido. Mal me viu a sua expressão facial mudou, estava furioso. Virei costas e fugi, só queria chegar a casa. Ele corria atrás de mim e eu só pensava no pior que me podia acontecer se ele me apanhasse.

Cair de joelhos

Enquanto corria, senti um galho de cafeeiro a passar-me na canela, mas não parei. Sentia a perna cada vez mais fria, como se tivesse água a envolvê-la. Olhei e vi que era sangue. Comecei a sentir dor e não consegui aguentar muito mais tempo. E foi ali, ali que ele me apanhou e ali que ele me puxou pelos cabelos até casa. Quando cheguei a casa levei uma sova. Fiquei sem forças, não comia e só chorava. Ainda hoje tenho as cicatrizes, a da canela é esta.

**Desenhar cicatriz na
canela.**

E as mais profundas estão aqui.

**Apontar para a cabeça
e para o peito.**

Pausa

Antes o meu maior medo era ficar sozinha. Agora, esse é o meu maior desejo.

O mundo estava em sintonia comigo, ao mesmo tempo que o meu casamento estoirava, os rebeldes também se impunham contra o branco colonizador.

Acho que este foi o momento certo. Terá sido o momento ideal para eu fugir. Fugir do meu marido e do casamento, mas também dos rebeldes e da guerra. E então preparei-me.

**Levantar, vestir casaco
e pegar nos bilhetes**

Quando ele saiu para o trabalho depois de almoço, eu comecei a tratar de tudo. Os bilhetes de avião eu já tinha pedido previamente ao meu pai para mos comprar. Ele já estava em Portugal. Veio antes de rebentar a guerra. Ele já a previa, dizia que em Angola ia rebentar uma guerra em breve porque o clima de tensão entre brancos e negros já era grande e fazia-se notar. De bilhetes na mão, fiz as malas. Mas pouca coisa levei para que o meu marido não suspeitasse de nada. Tratei das crianças, pus algum dinheiro numa mala e saí. Só paramos no aeroporto. Como não levávamos muitas malas, o check-in foi rápido e fui direta à revista para seguir para o embarque. No fim a PIDE chamou-me e levou-me a mim e aos meus filhos para uma sala à parte. Assustei-me, não sabia o que se passava. Eu não cometi nenhum crime, então não fazia sentido para mim eu estar ali.

Pegar na mala e dirigir-me para a boca de cena

Naquele tempo a relação entre marido e mulher era diferente. A mulher precisava da autorização do marido para quase tudo, inclusive para viajar. Este era o meu caso, aliás foi por isso que me levaram para aquela sala. Eu não tinha a autorização do meu marido para sair do país, muito menos com os meus filhos menores. Perguntaram-me se a tinha na mala e eu disse que não. Começaram então a fazer um monte de perguntas, sobre quem eu era, o que fazia, porque queria ir para Portugal e porque viajava sem a autorização do meu marido. Tudo isto deixou-me com medo, confesso e tinha receio de que se dissesse a verdade, tudo piorasse para mim e para os meus filhos. No entanto, não via outra saída sem ser contar a verdade. Falei da minha relação e do meu casamento àqueles estranhos. Mostrei-lhes as marcas no meu corpo daquele relacionamento tóxico. Mostrei os

meus documentos e apelei para que me deixassem seguir, para meu bem e para o bem dos meus filhos. Eles ficaram incrédulos com a história e deixaram-me por momentos sozinha naquela sala. Após confirmarem os documentos e as nossas identidades, regressaram com uma nova questão.

Voz off “O seu marido é aquele que está ali fora?”

Mudança de atitude para medo Olhei através de uma janela, metade baça por película e outra metade nítida. O meu mundo desabou. Como sabia ele onde eu estava? Como e quando iria este pesadelo acabar? Eu só queria sair dali o mais rápido possível. Pensei em mentir, mas acabei por dizer a verdade e confirmar que era o meu marido.

Voz off “Ele disse-nos que a sua mulher lhe roubou o dinheiro todo e está a tentar fugir com os filhos dele. Ele estava armado, por isso é que está ali. É você a mulher que ele procura?”

Sim, sou, mas tudo o que ele vos disse é mentira. Eu já contei a minha história, já vos mostrei todas estas marcas que tenho por culpa dele. Por favor, deixem-me partir. Só quero voltar para junto dos meus pais, ter uma vida decente e poder das a estas crianças alguma esperança. Por favor!”

Após mais algum tempo naquela sala, a PIDE deixou-me sair. O facto de ele entrar armado no aeroporto e eu dizer sempre a verdade, foram os fatores decisivos. Foi considerado potencialmente perigoso e ainda passou uns dias numa esquadra local, pelo que me contaram. Só penso que se ele não estivesse armado, tudo poderia ter sido diferente. Ele levava-me para casa e acho que o meu funeral seria no dia a seguir. Ele não me ia perdoar. A PIDE que em Portugal era tão má e mal vista, em outro continente foi a minha salvação e esperança.

Tirar casaco e arrumar a mala

GISELA

Cena X

Vocês sabem a fama que a PIDE tinha e sabem também quais os meios mais utilizados por eles para assustar e magoar quem lhes convinha.

Mas nesta história eles foram verdadeiros heróis.

Abrir a mini e beber um gole Mas falemos de coisas bem melhores. Alguém daqui adora churrasco? Eu adoro, acho que é das melhores coisas no verão. Cerveja, churrasco, amigos e uma piscina. Podia passar assim o resto da minha vida! Hoje não vou fazer churrasco, como devem perceber não tenho todas as condições necessárias. Mas sabem quem trouxe o churrasco para Portugal? Os retornados. Tenho e temos muito a agradecer a esses ditos de retornados, pois eles trouxeram-nos muitas coisas boas. Novos negócios, restaurantes, roupas mais curtas e coloridas. Foram verdadeiros empreendedores. Não vieram só para nos roubar os empregos e destruir famílias. Pensem comigo, hoje em dia queremos fazer uma festa de fim de tarde com os amigos e o que fazemos? Churrasco. Queremos fazer uma tainada à sexta-feira ou fim-de-semana e o que fazemos? Por isso, obrigada a todos os retornados, um brinde a vocês! Mas isto não fica por aqui. Para vos compensar pela falta de churrasco, vou contar-vos outra história.

Música 6

Senhora do páreo

Pegar no páreo, óculos de sol e chapéu.
Colocar o chapéu.

Cena XI

Em Angola a guerra estava no seu auge. Na guerra do Congo vi, ouvi e vivi muita coisa que nenhuma criança, como eu era na altura, devia viver. Fiquei bastante afetada, tanto que se perguntarem do que me lembro de lá, eu lembro-me de muito pouco. Lembro-me das pessoas mortas, misturadas, esmigalhadas e com um cheiro muito próprio. Os tiros eram como azeite crepitante, um zumbido constante no nosso ouvido. Tenho vários gatilhos que me fazem lembrar daquele terror. Por exemplo, eu odeio foguetes, se pudesse acabava com eles todos e proibia-os de serem utilizados. Aquele barulho faz-me ver novamente imagens que gostaria

Som de avião de esquecer. O som de aviões de guerra ou das bases aéreas, também me
Agachada com as deixam com um medo profundo.
mãos na cabeça

Colocar óculos de sol e Apesar da guerra e de tudo o que nos sufocava naquele paraíso, nós
páreo tínhamos coisas maravilhosas. A praia era MA-RA-VI-LHO-SA.
Vestíamos os nossos biquínis e íamos para a praia com as nossas amigas.
Passávamos assim, muitos serões de fim de tarde, alegres e divertidas.
Tínhamos uma comunidade portuguesa e dentro dela realizávamos
vários eventos. Jantares de gala, de fim de ano, o Carnaval... éramos felizes
naquele pedacinho de céu.

Lá havia espaço para tudo e para todos, não nos preocupávamos com o
que as vizinhas podiam dizer ou pensar, porque na verdade a vida era tão
boa que nem havia espaço nem tempo para isso.

Música 2

Cena XII

Gisela E agora, com o chegar ao fim desta viagem consigo perceber que este é o
Tirar chapéu, páreo e início de algo melhor para mim. Já não tenho de viver com receio de dizer
óculos. que venho de uma família de retornados, porque já não me interessa muito
o que os outros vão falar ou pensar. Tenho muito orgulho da minha
história. E agora, quando alguém me disser:

Voz off “És retornada como o teu pai.”

Calma e sem revolta Eu já sei o que lhes vou responder, desta vez não vou ficar calada. Direi:
“Olha lá então, o que é para ti um retornado? Sabes explicar-me porque é
que o meu pai é retornado se ele nasceu em África?”

As histórias que vos contei, foram histórias de coragem, resistência,
superação e muito sofrimento. Por isso, agora, sempre que eu puder, vou
partilhar a minha história, explicá-la e defendê-la sem revolta, sabendo
que ninguém pode ser quem não é, e que ninguém volta a um lugar onde
nunca esteve.

Música 7

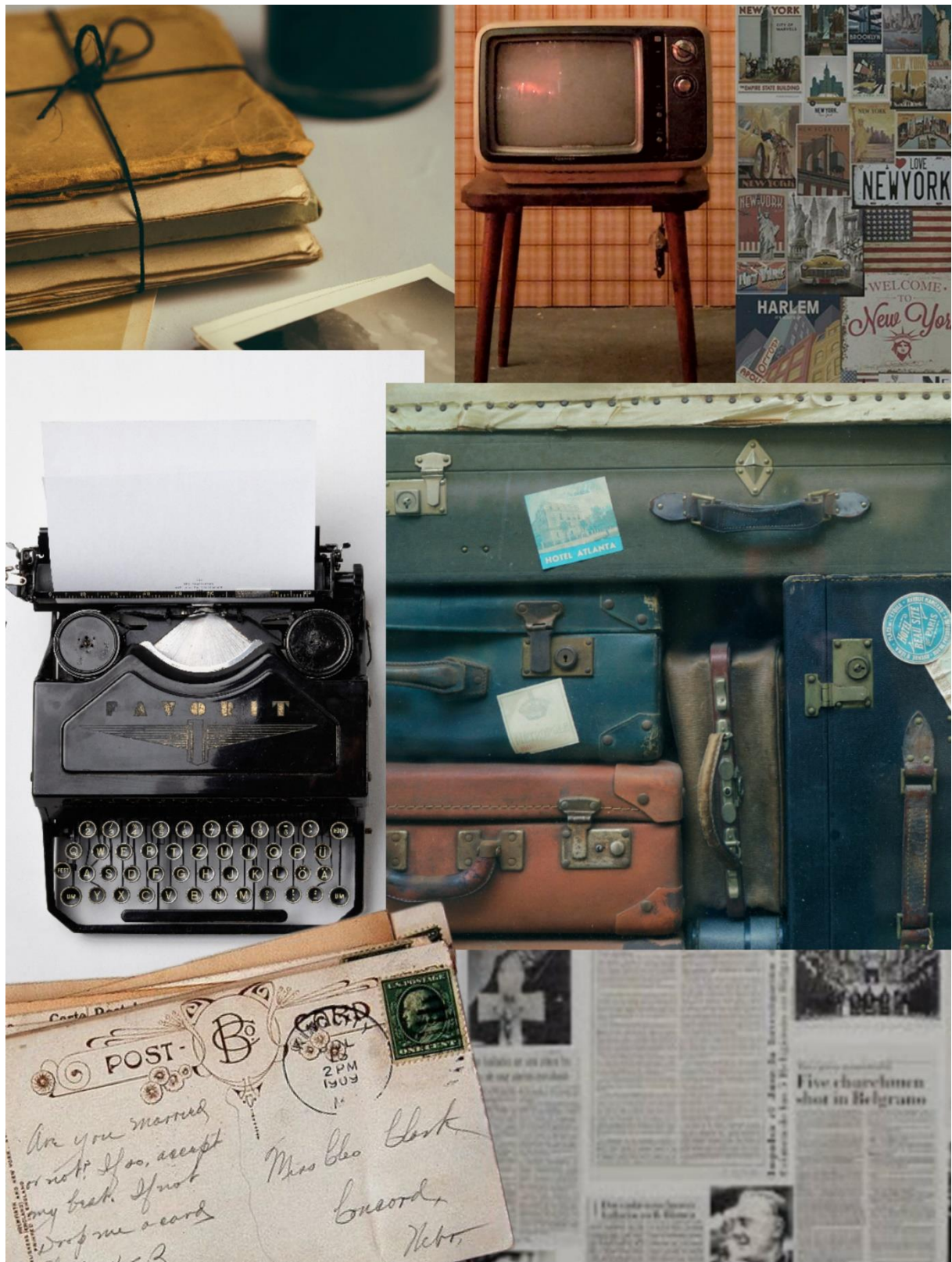
Arrumar chapéu na poltrona, arrumar roupas e malas. Apagar a luz, pegar na mala e fazer desfile até ao público.

Sair.

Música continua em
black out

Anexo III – Colagem

Figura 1 - Colagem de pesquisa.



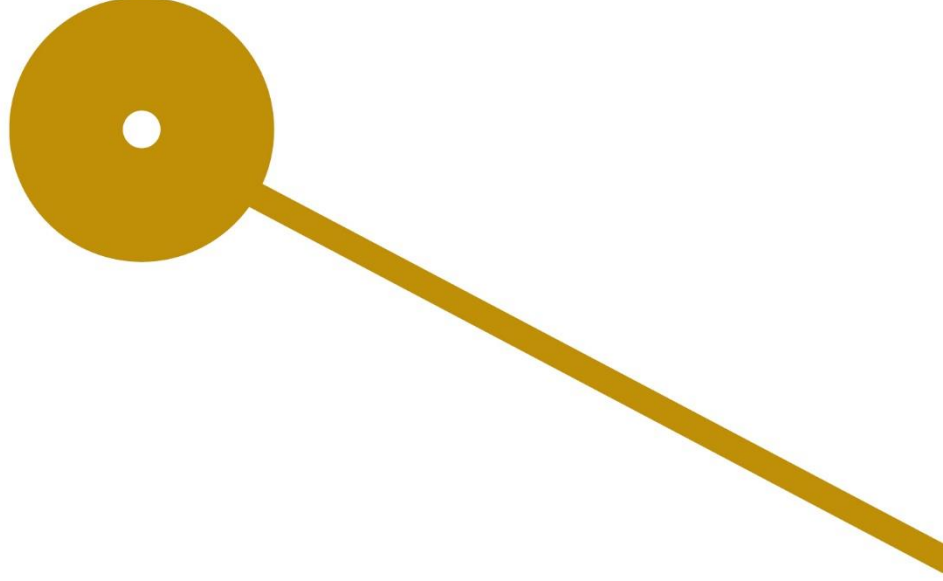
Anexo IV – Ilustração do cenário

Figura 2- Ilustração do cenário.



ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO



M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Sinfonia de lá
A memória do corpo na História
Gisela Azevedo Gaspar